

MULHERES QUE DANÇAM: POSSIBILIDADES DO CORPO E SUAS DESCOBERTAS

Vinicius Gonçalves Mariano¹

Alinne de Lima Bonetti²

Resumo:

O presente trabalho evidencia um relato de experiência vivido no campo de estágio não escolar e não obrigatório na Licenciatura em Educação Física - UNIPAMPA campus Uruguaiana, sobre a perspectiva da dança Zumba. As atividades desenvolvidas no campo de estágio foram planejadas com foco no atendimento e oferta de aulas de dança para homens e mulheres de diversas comunidades localizadas no entorno do CEZL do município de Uruguaiana, de diversas faixas etárias, níveis socioeconômico, profissional e educacional. Primeiro aspecto a ser levado em consideração e problematizado no que tange a relação entre dança e as convenções sociais de gênero (BONETTI, 2007; BONETTI, 2009) diz respeito à oferta e o interesse nas aulas; mesmo tendo sido feito um chamamento via distribuição de cartazes nas comunidades do entorno do CEZL, destacando a oferta do curso para homens e mulheres acima de dezoito anos, somente registramos inscrições de mulheres. Após três meses de aulas desenvolvidas acerca da modalidade de dança, em específico a Zumba, identificamos que as alunas que participaram ativamente das atividades propostas puderam resgatar sua sensualidade antes menos afluída, segundo elas, por falta de tempo para com cuidados estéticos e de embelezamento do corpo.

Palavras-chave: Corpo; Dança; Mulheres.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

MULHERES QUE DANÇAM: POSSIBILIDADES DO CORPO E SUAS DESCOBERTAS

¹ Aluno de graduação. viniciusmarianno.unipampa@gmail.com. Autor principal

² Docente. alinnbonetti@unipampa.edu.br. Orientador

MULHERES QUE DANÇAM: POSSIBILIDADES DO CORPO E SUAS DESCOBERTAS

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho evidencia um relato de experiência vivido no campo de estágio não escolar e não obrigatório na Licenciatura em Educação Física – UNIPAMPA campus Uruguaiana, sobre a perspectiva da dança *Zumba* que segundo uma breve pesquisa feita na internet sobre o olhar dos *exergames* pode ser definida como:

Zumba, categoria de exercício físico muito popular vinda do avanço da ginástica aeróbia, é caracterizada por uma mistura de dança com ginástica que incorpora variados tipos de músicas, como latinas e internacionais, aparece como uma das possibilidades de atividade física disponíveis para a adesão da sociedade para uma melhora na qualidade de vida (PEREZ; ROBINSON, 2009; ZUMBA, 2010).

Seguindo uma tendência de oportunizar práticas diversificadas daquelas que estamos acostumados/as a ver como proposta de estágio em ambientes como o Centro Esportivo Zona Leste (CEZL), era de se esperar que o conteúdo base para o desenvolvimento das atividades fossem esportes coletivos ou então atletismo, trabalhadas em turmas separadas por gênero. Nossa proposta baseou-se na oferta de aulas de dança na modalidade *Zumba* para homens e mulheres moradores/as de comunidades no entorno do local, sede das atividades. O objetivo do trabalho foi oportunizar para homens e mulheres a vivência da dança *Zumba* por meio de aulas práticas como atividade diferenciada da Educação Física não escolar, justamente para desconstruir os padrões de gênero tão cristalizados no senso comum, ainda mais fortemente marcado na região cultural da fronteira-oeste, reproduz a lógica de oferta dos esportes para os meninos e da dança para as meninas. A partir desta experiência, neste relato apresentaremos algumas reflexões sobre a relação entre dança e gênero.

2 METODOLOGIA

As atividades desenvolvidas no campo de estágio foram planejadas com foco no atendimento e oferta de aulas de dança para homens e mulheres de diversas comunidades localizadas no entorno do CEZL do município de Uruguaiana, de diversas faixas etárias, níveis socioeconômico, profissional e educacional.

O ambiente no qual o estágio foi desenvolvido possui quatro quadras poliesportivas, dois campos de futebol, uma quadra de vôlei de areia, uma pista de caminhada e corrida, uma biblioteca e espaço de lazer e recreação infantil com uma pracinha. As aulas aconteciam três vezes por semana, no período da manhã, com uma hora de duração, sendo as mesmas elaboradas previamente em um plano de ensino calcado em questões da dança na modalidade de Zumba no ginásio I, utilizando-se um aparelho de som como recurso didático.

Durante o período de três meses, duração do estágio, foram atendidas em média 50 mulheres. Tendo em vista que todas as alunas tinham filhos/as, casa para cuidar e ou trabalho formal ou informal, muitas dessas mulheres não podiam estar presentes em todas as aulas justamente por esses motivos, o que acabou por vezes, distanciando e dificultando a assiduidade nas aulas. O que nos leva a considerar a distribuição desigual do uso do tempo, dedicado às tarefas domésticas entre homens e mulheres. No que tange a metodologia de ensino utilizada nas aulas foi a abordagem pedagógica na perspectiva humanista, que se

apropriada do jogo, do esporte, da dança, da ginástica como meios para cumprir os objetivos educacionais (OLIVEIRA, 1985).

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Primeiro aspecto a ser levado em consideração e problematizado no que tange a relação entre dança e as convenções sociais de gênero (BONETTI, 2007; BONETTI, 2009) diz respeito à oferta e o interesse nas aulas; mesmo tendo sido feito um chamamento via distribuição de cartazes nas comunidades do entorno do CEZL, destacando a oferta do curso para homens e mulheres acima de dezoito anos, somente registramos inscrições de mulheres. Tínhamos o desejo de trabalhar com turma mista, longe de uma perspectiva de educação sexista que segrega, discrimina, cria fronteiras e delimita espaços. Vale ressaltar que o único homem presente no ambiente de aula era o próprio acadêmico e estagiário que ministrava as aulas. Esta característica, conforme mencionado acima, aponta para a reprodução de convenções sociais de gênero enraizadas na cultura gaúcha de maneira geral, e na região da fronteira-oeste em particular, reforçando estereótipos de gênero para homens e mulheres.

O segundo aspecto está relacionado à escolha das músicas para as aulas; no início as músicas eram selecionadas aleatoriamente, sem observar qualquer critério de escolha. Após as primeiras aulas, as alunas solicitavam ritmos mais atuais como o funk, pop internacional, sertanejo universitário, forró e músicas de carnaval. A partir disso, solicitamos às alunas que trouxessem suas contribuições musicais para dançarmos em aula e o resultado foi uma diversidade musical. Passamos então a estudar as letras de algumas dessas músicas que foram sugeridas por elas, com vistas a problematizarmos a relação entre corpo, música, padrões estéticos e referenciais corporais, apontando para a construção cultural dos corpos (MAUSS, 1974). Em algumas músicas percebemos o machismo, a homofobia, a incitação à violência contra a mulher, à incitação ao estupro, à violência sexual e sem contar as inúmeras vezes que percebemos a mulher como foco dessas músicas. A partir daí, começamos a problematizar e discutir sobre as músicas que escutamos.

Uma das alunas relatou que certo dia chegou em casa e já foi logo colocando as músicas da aula no som e reproduzindo as coreografias, até que seu marido questionou-a o porquê da sua empolgação com as aulas e porque ela voltava tão animada, ela respondeu-lhe dizendo que sentia-se sem vergonha alguma para dançar e complementou dizendo que sentia-se linda e sensual. Logo no início das aulas essa mesma aluna, que veio ao curso de dança trazida por uma amiga, chegou desanimada e sentindo-se descoordenada para dançar. Ao longo da sua participação, percebia-se a sua crescente entrega aos movimentos ritmos, foi gostando e permitindo-se. Após a terceira aula era perceptível a melhora de sua autoestima, era notável sua felicidade, tinha sempre um sorriso estampado no rosto, sociabilizava com mais facilidade com suas colegas e vinha maquiada para as aulas.

A música *Corpo Sensual* da cantora Pabllo Vittar com participação de Mateus Carrilho sugerida por uma aluna teve participação ativa em relação ao resgate da sensualidade das mulheres. Por meio da letra e do ritmo envolvente da música puderam liberar a sensualidade com movimentos mais expressivos e que enaltecem o próprio corpo. Destaco trechos da música “mandando ver no vício da batida querendo se envolver, no estilo diferente, que prende e dá prazer, eu sei que logo sente, te faço enlouquecer, faço ferver”. A grande maioria das alunas disseram que este trecho faz com que se sintam poderosas e confiantes com o seu corpo. Já no refrão da música, que diz “vai passar mal, viro sua mente com meu corpo sensual, minha boca é quente, vem não tem igual”, percebia-se o forte engajamento do grupo, cantando em uníssono, o que leva-nos a identificar um aumento de autoconfiança, em especial

quando os movimentos rítmicos enaltecem o corpo, em que as mãos que percorrem toda a extensão do corpo praticamente afirma “esse é meu corpo”, produzindo expressões faciais que combinam com a letra da música e o ritmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após três meses de aulas desenvolvidas acerca da modalidade de dança, em específico a *Zumba*, identificamos que as alunas que participaram ativamente das atividades propostas puderam resgatar sua sensualidade antes menos afluída, segundo elas, por falta de tempo para com cuidados estéticos e de embelezamento do corpo. Resgataram também a autoestima antes oprimida pelos afazeres domésticos, por passarem mais tempo no trabalho ou cuidando da família, da casa, dos filhos/as, do/a companheiro/a e não reservavam um tempo para si seja para cuidar da sua saúde corporal/mental. Outros desdobramentos desta prática corporal chamaram nossa atenção, como os relacionados à alimentação saudável e cuidado com o corpo. As alunas voltaram-se atentamente seu olhar quanto a essas questões que antes pareciam adormecidas ou esquecidas por elas.

A não participação dos homens nas aulas reflete uma questão cultural específica da região da fronteira que diz respeito ao tradicionalismo, pois dificilmente um homem participaria das aulas, tendo em vista os padrões de masculinidade hegemônicos. Para muitos homens desta região a dança só é bem vista quando dançada com a mulher e desde que seja sertanejo, valsa, forró ou dança de inverno; dançar sozinho, dependendo do ritmo ou estilo musical, representa adotar comportamentos feminilizantes, o que, em sua perspectiva, colocaria em xeque tanto a sua identidade de gênero quanto a sua identidade sexual, numa confusão muito comum em nosso universo de valores culturais entre essas dimensões constitutivas da experiência humana.

Homens e mulheres adultos/as um dia já foram crianças e, no seu processo de endoculturação (HELMAN, 2009), incorporaram convenções de gênero e de sexualidade vigentes, constitutivas dos seus modelos de feminilidades e de masculinidades. No entanto, não se tratam de modelos fixos e cristalizados; antes, são passíveis de transformação e ressignificação. Assim, como Marília de Carvalho (2004) afirma,

Sem dúvida, é indiscutível a força de concepções de masculinidade e feminilidade trazidas constantemente pelas crianças de fora para dentro da escola, mas é preciso também questionar as relações e práticas escolares, a cultura escolar, como fontes igualmente importantes na construção das identidades de meninos e meninas, seja na reprodução de estereótipos e discriminações de gênero, seja na construção de relações mais igualitárias. (CARVALHO, 2004, p. 285)

Por meio da expressão corporal, as mulheres permitiram-se ir além, exploraram suas capacidades, deixaram aflorar os sentimentos, ressignificaram seus corpos, reafirmaram-se como mulheres, resgataram sua autoestima, passaram a cuidar mais do próprio corpo com hábitos mais saudáveis e prazerosos. Por que os homens também não poderiam se permitir e usufruir dos benefícios da dança? Neste sentido, reiteramos a relevância e a insistência da oferta da dança para grupos mistos, tendo-se em vista que esta prática pode libertar corpos oprimidos pelo tempo, pelas tarefas do cotidiano, pelos padrões culturais e transformar convenções de gênero.

REFERÊNCIAS

BONETTI, Alinne de Lima. **Etnografia, gênero e poder**: Antropologia Feminista em ação. Mediações, Londrina, v. 14, n.2, p. 105-122, Jul/Dez. 2009.

BONETTI, Alinne de Lima. **Não basta ser mulher, tem que ter coragem**: uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminino popular e o campo político feminista do Recife – PE. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – IFCH, Unicamp. Campinas.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça**. Caderno Pagu, Campinas, n. 22, jun. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332004000100010&lng=pt &nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332004000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 de abril de 2018.

HELMAN, Cecil. **Cultura, Saúde e Doença**. Porto Alegre: Artes médicas. 5ª ed. 2009.

MAUSS, Marcel. **As Técnicas Corporais**. Sociologia e Antropologia. (vol. 2). São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

OLIVEIRA, V. M. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

PEREZ, B.; ROBINSON, M. Zumba: **Ditch the Workout, Join the Party!™ The ZUMBA Weight Loss Program**. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Zumba-Ditch-Workout-Weight-Program/dp/0446546127>. Acesso em 22 de abril de 2018.